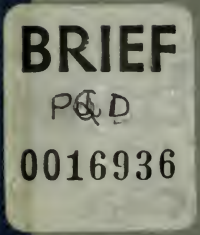
3 1761 06679995 8


BRIEF
P&D
0016936

IARTIM DE FREITAS,

NOVELLA

Tirada de um facto celebre da Historia Portugueza

POR

Alexandre Dumas;

E POSTA EM VULGAR

por

T. C.

PORTO:

Typographia da Revista

Largo da Picaria N.° 1.

1841

"Portugal e os Estrangeiros."
Tom. I. Pag. 327.

MARTIM DE FREITAS.

MARTIM DE FREITAS,

NOVELLA

Tirada de um facto celebre da Historia Portugueza

POR

Alexandre Dumas

E POSTA EM VULGAR

por

F. C.

PORTO:

Typographia da Revista

Largo da Picaria N.° 1.

1841

BRIEF
PGD
0016936

— Porem meu pae, disse Mercedes sorrindo-se, de que procede esse grande e extraordinario amor que tendes a el-rei D. Sancho II?

Aquelle a quem a donzella dirigia esta pergunta era um ancião pouco mais ou menos de 70 annos, coberto com uma cota d'armas, posta com tanto cuidado como se elle estivesse em campo diante dos Mouros de Ourique ou de Cordova, e não no seu bello castello da Horta, guardado por fiel guarnição, e em plena paz; somente o capacete faltava á sua armadura completa de capitão, porem estava posto a alguma distancia sobre uma arca, junto á qual um escudeiro se conservava de pé, e prompto a obedecer ás ordens de seu amo. No semblante venerando assim patente, lutava, como no do leão, uma mistura singular de força e de serenidade; pelas faces lhe cahiam longos cabellos, que as fadigas, e não tanto a idade haviam encanecido, e uma ou duas cicatrizes ali impressas, de sobejo provavam que elle não dava costas ao inimigo. Estava assentado perto de uma meza, e com os cotovellos encostados junto a uma taça de prata cheia de vinho, que de vez em quando libava; semi-deitado a seus pes estava um grande galgo africano; a parte posterior do corpo descançava no chão, mas o longo collo, erguido sobre as mãos, pousava sobre a coxa de seu dono, e parecendo dor-

mir, abria uns olhos intelligentes e meigos a cada movimento que elle fazia, ou a cada palavra que proferia. No resto da sala, cuja architetura pertencia ao decimo seculo, e a mobilia ao duodecimo, estavam um joven cavalleiro, de 19 a 20 annos, que se conservava respeitozamente em pé, encostado ao lar; dous pagens que riam a um canto, pregando peças a uma criada velha que adormecêra a fiar na sua roca; um velho pouco mais ou menos da mesma idade do que parecia dono da caza, e que estava assentado do outro lado da meza, mas um pouco para traz, para indicar sua inferioridade; e finalmente, a donzella de cabellos pretos, beiços vermelhos e alvos dentes, que tinha feito esta pergunta, tão natural naquella época, em que todo o Portugal murmurava contra elle.

— Porem, meu pae, de que procede esse grande e extraordinario amor que tendes a el-rei D. Sancho II?

O ancião olhou para seu companheiro de cabellos brancos, como para dizer-lhe: « Ella o pergunta!.. Depois voltando-se para sua filha:

— E' porque, disse elle, o vi mais pequeno e mais fraco do que te vi a ti mesma, a ti, que és minha propria filha: pois que estava presente quando a rainha D. Sancha, cuja alma Deus tenha em santa gloria, o deu á luz na Sicilia, onde tinhamos arribado para procurar-lhe descanço; é porque o vi sahir só, pobre e nu, como diz a Escriptura, da

cama de sua mãe: e pelo contrario estava na Terra Santa quando tu nasceste, minha filha, de sorte que ja tinhas tres annos quando voltei, e ja estavas quasi tão crescida, e sobre tudo tão discreta como és hoje.

— E assim tão criança o levaram á Palestina? perguntou o moço escudeiro.

— Não, respondeu o velho cavalleiro, fui eu que o conduzi a Portugal. Eis-aqui, ja que o quereis saber, donde me veio este grande amor para com elle: foi da grande confiança e da grande honra que me fizera el-rei seu pae, porque na vespera do dia em que deviamos embarcar, no momento em que acabava de ouvir uma missa, mandou-me chamar á sua propria camara, onde estava assentado e rodeado da sua côrte, junto da senhora rainha, que estava recostada em uma poltrona, com os pés sobre uma cadeira; e ainda estava pallida e abatida por causa do seu bom successo, porque so havia 25 dias que este tivera lugar, e elle me disse:

« Bofé, Martim de Freitas, que se ha no mundo homem a quem eu e a rainha sejamos obrigados, sois vós. » Quiz responder, mas elle continuou: « Sim, sois vós, porque vós estivestes comigo na batalha de Alcacer do Sal, onde derrotamos o rei mouro de Jaen, e onde vós vos lançastes entre mim e um Sarraceno, que ia matar-me, e recebestes no vosso capacete, e ainda no vosso rosto o golpe que me era destinado; porque quando fui ferido de interdicto pelo soberano pontifice

de Roma, todos me abandonaram, e so vós permanecestes fiel; porque, finalmente, á primeira noticia que vos transmitti de que a minha tenção era alistar-me na santa cruzada, voltastes de Romania a juntar-vos comigo, em Catania, conduzindo-me 25 homens armados, sustentados e vestidos á vossa custa, quando so me devieis o serviço de vossa pessoa. Ora bem, proseguio elle, ainda que os serviços que nos tendes feito sejam tão grandes e tão numerozos, que não saibamos como jamais vos poderemos recompensar, presentemente é tal nossa posição, que acima de todos os serviços passados vae sobresahir aquelle, que vos rogamos neste momento que nos façaes, e isto me praz ,dizer-vo-lo na presença de todos estes cavalleiros e fidalgos que nos ouvem » Adiantei-me para o senhor rei, puz um joelho em terra, e tendo-lhe agradecido o bem que dissera de mim, continuei » Senhor, ordenae o que devo fazer, e emquanto minha alma existir no corpo, nunca deixarei de cumprir o que me ordenardes. »

« Isto esperava eu de vós, me respondeu elle, e o que eu e a rainha dezejamos, vamos dizer-vo-lo. E' mui verdade que nos seria bem mister que viesseis comnosco a esta santa viagem que temos emprehendido, que teriamos grande precizão de vós, e que nos fareis grande falta; porem o serviço que vos pedimos, temo-lo tanto a peito, que é precizo que outro qualquer ceda a este. Vós sabeis, pois que estivestes prezente ao seu nas-

cimento, que verdadeiramente Deus nos deu nósso filho D. Sancho da senhora nossa mulher: rogamos-vos pois que o recebaes de nós, que o leveis á rainha nossa mãe, e que lh'o entregueis. Fretareis náos, ou armareis galeras, ou outros quaesquer vasos, nos quaes pensardes que em maior segurança se possa ir: dar-vos-hemos uma carta para o nosso Thesoureiro, para que elle vos adiante todo o dinheiro que vos for mister, e para que elle acredite em tudo que da nossa parte lhe disserdes. Escreveremos da mesma forma á senhora nossa mãe e ao Sr. rei de Marrocos, que é nosso alliado, e dar-vos hemos uma carta de procuração geral para todas as partes do mundo, a que os ventos vos possam levar, do poente ao levante, do meio dia ao norte, e de tudo o que prometterdes, fizerdes, ou disserdes por nós a cavalleiros, gente de pé, ou a outros quaesquer, nós o teremos por bem promettido, bemfeito e bem dito, e o confirmamos, e não vos desdiremos em nada, e daremos em penhor todas as terras, castellos e outros lugares que possuimos, e esperamos possuir com o soccorro de Deus. Assim, partireis com nosso pleno e inteiro poder, e logo que tiverdes entregue nosso filho á senhora rainha nossa mãe, ireis para vossa caza, examinareis e arranjareis todos os vossos negocios, que devem estar em muita desordem por cauza da vossa campanha da Romania. Depois quando tiverdes determinado tudo, vireis ter comnosco, com todas as tropas de cavallo e de pé que poderdes reunir; e nos-

so alliado, o rei de Mayorca, vos dará todo o dinheiro que lhe pedirdes para pagar as tropas que vos acompanharem. Eis-aqui o que dezejamos que nos façaes.»

— E eu, continuou o cavalleiro depois de uma curta pauza, fiquei atonito do grande pezo que elle punha sobre meus hombros, quero dizer, o Sr. Infante seu filho, que, pequeno como era, era ja o herdeiro de um reino; e pedi ao Sr. D. Affonso e á rainha a graça de me darem um companheiro, com quem eu ao menos repartisse a responsabilidade: mas el-rei respondeu-me que não me daria nenhum companheiro, mas que estivesse prompto a guarda-lo como meu senhor e meu proprio filho, e accrescentou: « Agora D. Martim de Freitas, como não sabemos o que Deus fará de nós, dae-me juramento, que na minha ausencia ou depois da minha morte considerareis sempre o infante D. Sancho como vosso unico rei, e que não entregareis a outros, mas só a elle e em suas proprias mãos, as chaves das cidades, fortalezas ou castellos que vos forem confiados; finalmente, que lhe permanecereis, até a sua morte ou até a vossa, fiel e leal servidor, como o tendes sido para comigo, salvo se elle, ou, eu vos dispensarmos do vosso juramento»

— Então puz-me novamente de joelhos, beijei-lhe a mão, pronunciei sobre esta espada o juramento que pedia, e fiz o signal da cruz para que este juramento fosse bem acceito no ceo.

Immediatamente o Sr. rei ordenou a D. Luiz de la Trueba, que guardava seu filho no castello de Catania, que m'o entregasse, e não a outrem, todas e quasquer vezes que eu julgasse conveniente de o pedir. O cavalleiro me deu juramento e homenagem: e desde aquelle momento o infante D. Sancho ficou em meu poder, e quando isto aconteceu, eram só passados vinte e cinco dias depois que tinha nascido, e nada mais.

E terminado isto, o Sr. rei se embarcou no mesmo dia, e me deixou em Catania, mui ufano, e ao mesmo tempo mui embaraçado com a missão que me déra. —

D. Martim de Freitas estava nesta parte da sua narração, quando se ouvio o som de uma trombeta que tocava da banda da porta do Douro, junto das muralhas do castello da Horta: D. Martim voltou-se immediatamente para o escudeiro, que lhe guardava o capacete, e ordenou-lhe que fosse perguntar o que queria aquelle que tocava trombeta a taes desoras e continuou a sua narração.

— Não perdi tempo para cumprir minha commissão; fretei um navio de Baracas que se achava no porto de Palermo, e que pertencia ao Sr. D. João de Carvalhal, que teve a bondade de m'o ceder Logo que arrangei isto, fui procurar ao nobre D. Beranger de la Sarria, que era casado com uma mui nobre senhora, chamada D. Ignez de Adri, que tivera vinte e dous filhos, e roguei ao dito Sr. D. Beranger, que era amigo meu, para que con-

sentisse que sua mulher se encarregasse do Sr. infante D. Sancho. Teve elle a condescendencia de annuir ao meu pedido, pelo que fiquei mui contente; primeiramente porque D. Ignez era mui boa, mui piedosa, e de mui nobre origem, e parecia-me dever maravilhosamente saber tratar de crianças, por ter tido, como acima disse, um bom numero dellas. Fiz escolha de mais seis damas, cada uma das quaes tinha um filho ainda de peito, afim de que, se alguma faltasse, as outras podessem suppri la, e tomei-as com os seus filhos, para que o leite não secasse. Depois, como o Sr. infante D. Sancho tinha já uma ama que era de Catania, e que cuidava delle muito bem, procurei ainda outras duas para o que fosse necessario, e além disso embarquei uma cabra. Em fim, tomadas todas estas medidas, dispuz minha propria passagem, armei mui bem a minha embarcação, provendo-a de tudo o que era necessario para nosso sustento e para nossa defeza. Embarquei cento e vinte homens armados, dos quaes cada um valia por tres homens ordinarios em quanto á coragem e á nobreza. Puz em ordem toda a minha gente sobre a coberta, e intimei a D. Luiz de la Trueba que me mandasse entregar o Sr. Infante á porta de Catania, onde o esperava. No cabo de uma hora o vi chegar acompanhado de quantos cavalleiros portuguezes, catalães, e latinos ; udera ajuntar; todos notaveis cidadãos ou fidalgos de linhagem; e quando esteve na minha presença voltou-se para elles, e mostrando-lhes o Sr. in-

fante que trazia nos bráços, lhes disse: « Senhores, reconheceis que este menino seja o infante D. Sancho, filho d'el rei D. Affonso II de Portugal, e de D. Sancha sua consorte! »

E todos responderam:

« Sim, certamente! porque assistimos a seu baptismo, e o temos visto e reconhecido quasi todos os dias depois desta época e declaramos como couza certa que este menino é na verdade o infante D. Sancho. »

Então apresentou-me o senhor infante; mas não o quiz eu tomar sem que o despissem em presença de todos, afim de me certificar que m'o entregavam são do corpo, e em bom estado; do que pude certificar-me, bem como todos os mais. Porem, como na occasião em que isto se fazia o senhor infante tossisse tres ou quatro vezes, tive cuidado de declarar em meu recibo que m'o tinham entregado encatarrhoado, depois puz meu sello ao pé da minha assignatura, e dei este recibo a D. Ignez de la Trueba: e, terminado tudo isto, tomei o senhor infante nos meus braços, e levando-o para fóra da cidade, seguido por mais de seis mil pessoas, que me acompanharam até o porto, pu-lo no navio nos braços de sua ama, a qual não devia sahir das vistas das seis damas, as quaes eram tambem vigiadas por D. Ignez. E todos o abençoaram, e louvaram.

Neste momento chegou a bordo um alcaide do senhor rei de Sicilia, que trazia da parte de seu amo dous pares de vestidos de tela de ouro para o senhor infante. Depois em con-

tinente nos fizemos á véla. Era no primeiro do mez de abril do anno da graça de 1218. Chegado a Trapani recebi cartas, nas quaes me diziam que me acautelasse de quatro galeras armadas que cruzavam naquelle mar, guarnecidas por Sarracenos de Africa, e andavam á caça dos navios portuguezes ou catalães, que navegavam em grande numero entre Sardenha e Sicilia; em consequencia do que fiz reforçar a minha náo, puz nella o melhor armamento, e o maior numero de homens que me foi possivel; e fiz-me ao mar confiando na sabedoria de Deus, que vigia sobre os reis; de sorte que chegamos sem perigo, e pelo mais bello tempo do mundo á ilha de S. Pedro.

Durante esta primeira viagem permittio Deus, que nem o senhor infante, nem ninguem do seu sequito ficasse indisposto.

Estivemos vinte e sete dias demorados na ilha, e tendo-se-nos juntado vinte e quatro navios armados de Catalães e de Genovezes, que faziam a mesma viagem que nós, partimos juntos em um santo dia de domingo, depois de ter devotamente ouvido missa em terra.

Passados os tres primeiros dias de viagem fomos assaltados por uma tempestade terrivel. Meu primeiro cuidado foi subir á coberta e dar todas as ordens necessarias. Lembrei ao piloto que, álem de nós, que só eramos humildes peccadores, havia a bordo um deposito real e precioso. O piloto respondeu que faria todo o possivel para salvar o senhor infante, e a nós mesmos. Então tornei a descer para a ca-

mara das mulheres para vêr o que se passava.

Tudo estava o peior possivel: umas estavam enjoadas e deitadas, semelhantes a cadaveres, outras tinham perdido a cabeça com medo, e gritavam que seu leite ia seccar. No meio de todo este tumulto procurei a ama; estava assentada de encontro a uma almofada, com os braços cahidos, os olhos amortecidos, e tinha deixado escorregar o senhor infante do seu collo para o chão, onde só elle dava gritos mais agudos do que os de todas as mulheres juntas.

Respeitosamente o tomei em meus braços, e procurei alguem a quem o entregasse; mas todas as mulheres, e mesmo D. Ignez, estavam em um tal estado de atonia ou de terror, que não me quiz fiar se não em mim mesmo. Como a tempestade continuava, e em vez de diminuir ia em augmento, ordenei a todos os homens da equipagem, que não estavam occupados na manobra, que se pozessem em oração; depois fiz atar o senhor infante ao redor do meu corpo afim de me afogar ou salvar com elle; e como continuasse a chorar, comecei a acreditar que não era o enjôo, mas sim a fome, que o fazia assim chorar e gemer. Assentei-me pois ao pe do mastro grande, chamei a cabra, e logo que o senhor infante lhe sentio as tetas, cessou de chorar, e se pôz a mamar, como se a isso fôra acostumado. Foi então que abençoei com ardor o Céo

por não me ter só fiado em D. Ignez, nas trez amas e seis damas.

A tempestade durou todo o dia e toda a noite: durante todo este intervallo não deixei um só minuto o senhor infante, embalando o em meus braços em quanto dormia, e approximando-o da cabra logo que dava o menor grito: e permitio Deus que em todo este tempo nem o senhor infante, nem eu, nem a cabra, tivessemos enjôo. Logo que o dia appareceu, o tempo começou a melhorar, e foi uma grande graça que Deus nos fez, porque o navio começava a fazer agoa. e outros sete navios de nosso comboi ficaram submergidos

Pouco a pouco se foi cada um resta belecendo: D. Ignez foi a primeira, depois as tres amas, seguindo-se-lhes as seis damas; quanto as crianças, como ninguem tivera cuidado dellas, de oito morreram tres, e duas não se acharam nem mortas nem vivas; prezume-se que as mortas foram suffocadas, e que as desapparecidas tinham cahido ao mar.

Quanto ao Sr. infante, pela graça de Deus estava maravilhosamente bom.

Entreguei-o nas mãos de D. Ignez, que não queria tornar a toma-lo, dizendo que era indigna; mas insisti muito, e ella cedeu.

Depois disto o vento foi favoravel, e dahi a quinze dias abordamos á Ericeira na Estremadura.

Logo que pozemos pé em terra, mandei prevenir a Sr^a. rainha mãe, que estava em

Coimbra, que eu tinha desembarcado na Ericeira com o Sr. infante seu neto, e que me poria a caminho para ir ter com ella, logo que o Sr. infante tivesse descançado um pouco. Occupei-me immediatamente, porque o tempo estava chuvoso, em mandar fazer uma liteira; era uma especie de palanquim coberto com um encerado, afim de que não fosse accessivel á chuva, e por cima deste encerado, para o aformosear, poz-se um estofo de veludo encarnado: mandei estender um colchão sobre o qual poderiam caber seis homens de estatura ordinaria; a ama deitou-se nelle com os mais bellos vestidos, e junto a ella o Sr. infante, que o fiz vestir com um dos vestidos de tela que lhe tinha dado o rei de Sicilia; e vinte homens o levaram, uns com páos outros com as correas. No cabo de dous dias de marcha encontramos a quatro leguas áquem de Leiria, o Sr. Raymundo de Sargadia com dez cavalleiros que nos eram enviados pelas duas rainhas, a saber, a rainha mãe de Portugal, e a rainha de Mayorca, sua filha; e continuamos o caminho com elles. E quando estivemos perto de Pombal, como havia um barranco que era preciso passar, os mais notaveis sahiram da villa, tomaram os páos e as corréas das mãos dos conductores, e fizeram passar o barranco ao Sr. infante, a quem minha invenção por tal fórma agradava, que, quando muito, choraria tres ou quatro vezes por dia.

Na porta da cidade de Coimbra, e áquem da ponte lançada sobre o Mondego, achamos

como em Pombal, os consules e os homens bons da cidade acompanhados de quatro alcaides que nos vinham receber; pegaram nos páos e pozeram as corrêas ao pescoço, e nós entramos com grande honra na cidade; dirigimo-nos para o castello em que se achava a Sra. rainha, avó do Sr. infante, e a rainha de Mayorca, sua tia. Ambas nos esperavam sobre a mais alta torre, e logo que viram que subiamos para o castello, desceram até á porta; então, como se assentassem ambas em um banco de pedra, tomei nos meus braços ao Sr. infante, e, cheio de uma verdadeira alegria por ter chegado tão felizmente ao cabo de uma tão ardua empreza, levei-o perante as rainhas,

« Permitta Deus conceder-vos tanta alegria, meus filhos, disse o ancião interrompendo a sua narração, e estendendo a mão como para abençoar os que o rodeavam, quanta tiveram estas nobres senhoras, quando viram seu neto e seu sobrinho tão bom e tão engraçado, com seu rostosinho risonho e bello, vestido com um traje á catalãa, e com um gibão de tela de ouro. Então, continuou o velho cujos olhos se arrasavam de lagrimas, e cuja voz tremia com esta recordação, ajoelhei-me, e beijei a mão da rainha, e fiz beijar pelo Sr. infante a de sua avó. Ella quiz pegar nelle, mas então dei um passo para traz, e disse-lhe: « Senhora, perdoae, e não o leveis a mal, em quanto não tiver um recibo formal da entrega do Sr. infante, como eu proprio dei um, vós não o tocareis, nem ainda mesmo que fosseis a Virgem Maria em pes-

soa» A rainha pôz-se a rir ao ouvir estas palavras, e dsse-me que achava boa a minha lembrança. Então perguntei: « Senhora, haverá aqui algum tenente do Sr. rei? » E a rainha respondeu-me: « Sim, ha. » E ella o mandou chamar. Perguntei depois se se achava presente no castello o juiz ordinario, o corregedor e os consules da cidade de Coimbra. Elles responderam-me: « Eis-nos aqui, » porque todos os que nomeára tinham pegado na liteira. Pedi tambem um tabellião publico; e este alli se achava como os outros, porque todos os que tinham algum nome, ou algum emprego se tinham apressado em vir ao nosso encontro. Haviam de mais, além dos que acabo de nomear, um grande numero de cavalleiros e de cidadãos respeitaveis de Coimbra; e estando todos presentes, mandei vir D. Ignez, as tres amas e as seis damas de acompanhamento, e em presença das rainhas perguntei-lhes tres vezes: » Este menino que tenho nos braços é o Sr. infante D. Sancho, filho de D. Affonso II, rei de Portugal? » Fiz-lhes tres vezes a mesma pergunta, e outras tantas ellas me responderam. » Sim » e desta palavra fiz immediatamente lavrar segunda escriptura. Depois accrescentei mais: « Senhora, em vosso nome, em nome d'el-rei D Affonso e da rainha D. Sancha declaraes aqui ter-me por bom e leal, e por inteiramente desonerado e desencarregado do deposito real que me foi confiado na pessoa do Sr. infante? » E ella me respondeu: « Oh! sim declaro; e Deus, que lê no interior das

creaturas, bem sabe que eu não creio que em Portugal, nem em Castella, nem em toda a Hespanha, nem no mundo inteiro haja outro homem mais fiel e mais leal do que vós » Voltando-me para os assistentes, perguntei-lhes se tinham ouvido as palavras que a boa rainha acabava de dizer-me, e se elles o jurariam se fosse preciso; e todos exclamaram · « Sim! sim! » Julgando-me pois desonerado e desencarregado, entreguei o Sr. infante á rainha mãe, que o beijou mais de dez vezes; tão contente estava por ter um neto.

« Quanto a mim, · continuou o ancião, fui juntar-me na Palestina com o Sr. D· Affonso II, com 200 homens de infanteria, e 50 de cavallaria, não levantados com o dinheiro do rei de Mayorca, mas sim nas minhas proprias terras, e mantidos á minha custa. Agora, disse o ancião concluindo, já sabeis todos porque tenho tão grande amor ao rei D. Sancho: é porque me deu muito trabalho e cuidados, e me causou tão grande susto, que me tenho affeiçoado a elle como a meu proprio filho, ainda que não me tenha olhado sempre como seu pae ».

Neste momento a porta se abrio, e um arauto coberto de poeira appareceu no limiar, Era o que tinha tocado a trombeta no porta do castello, no meio da narração de Martim de Freitas. Quando o ancião o vio, levantou-se para o receber, e fez-lhe signal para entrar; mas o mensageiro ficou em pé e immovel á porta fazendo um gesto com a mão para pedir silencio: e disse:

« Vós, Sr. D. Martim de Freitas, governador do castello da Horta, e vós todos cavalleiros, escudeiros, ou cidadãos, ouvi.

« El-rei D. Sancho II, julgado indigno da coroa que tem deshonrado, foi por graça de Deus, e deliberação dos Estados do reino deposto da realeza; sendo nomeado para o substituir o Snr. D. Affonso, conde de Bolonha.

« Em consequencia, os nobres confederados me enviam a vós, Sr. D. Martim de Freitas, e a todos os governadores de castellos, praças, e fortalezas, para prevenir-vos que elles vos desobrigam do juramento de fidelidade, que déstes nas mãos do Sr. D. Sancho, outr'ora rei de Portugal. »

— Isto que dizeis, Sr. arauto, pode entender-se com outros, mas não comigo, porque tenho um juramento particular, que me prende; e só é nas mãos do Sr. D. Sancho, que sempre tenho por meu rei, que posso entregar as chaves do castello da Horta. »

O arauto partio, e D. Martim de Freitas mandou fechar as portas, e dobrar as sentinellas.

II.

Em Lisboa tinha havido a seguinte occorrencia entre D. Sancho II e os Grandes do reino.

Estavam reunidos os fidalgos na sala do concelho para deliberarem com el-rei sobre os

negocios do estado, quando a porta se abrio, e em lugar d'el-rei viram entrar D. Fernando d'Almeida seu valido, vestido com traje, de caçador, com esporas, bozina ao tiracol, e chicote na mão: vinha dar parte que el-rei não podia presidir ao concelho, porque na seguinte madrugada ia a uma caçada nas tapadas de Sarzedas e de Castello Branco; e assim entretido com os importantes e indispensaveis preparativos não tinha tempo para cuidar dos negocios do Estado.

Um sussurro ameaçador se espalhou por toda a assembléa, logo que se retirou o valido, depois de ter cumprido com a sua costumada arrogancia tão estranha missão.

D. Sancho não podia por certo escolher um mensageiro mais odioso para uma commissão tão insolente. D. Fernando elevado por elle a conde d'Almeida, posto que não fosse de geração obscura, sua nobreza com tudo era de tão moderna data, que ao pé dos antigos nomes portuguezes, aos quaes o quizeram igualar, o delle inteiramente novo era uma nodoa. Diziam que esse nome provinha do irmão collaço de D. Affonso Henriques, bisavô de D. Sancho, o qual, e seus descendentes haviam servido fielmente os antecessores de D. Sancho, mas não com tanto esplendor, que desse motivo para este rei o collocar a par das primeiras cazas do reino, nomeando-o conde d'Almeida. Verdade seja que o valimento tinha uma causa mais poderosa para el-rei, porem odiosa o infame aos olhos dos fidalgos. Estava el-rei

havia tres annos enamorado de D. Mencia, irmãa de D. Fernando; e assegurava-se que a elevação subita do valido tinha sido proporcional á condescendencia, que elle tivera em favorecer os amores d'el-rei com sua irmãa. Esta vivia longe da corte, retirada e estranha ao que se passava: mas como el-rei desde que começou a amal'-a não fazia cazo algum dos negocios do Estado, ou quando parecia cuidar delles, o fazia com grande descontentamento de toda a nobreza, esta involveu no mesmo odio o amor para com a irmãa, e o valimento interessado do irmão; de sorte que a bôca que se abria para amaldiçoar a um, raras vezes se fechava sem amaldiçoar tambem a outra. E com tudo D. Mencia era pura de toda a mancha, e innocente de todo o mal. No retiro em que fôra educada por sua mãe, e onde continuava a habitar; certo da sua sepultura, tinha visto D. Sancho sem saber que era el-rei; e como este julgasse que por sua mocidade, seu ar nobre e cavalheiro havia feito alguma impressão no coração da bella solitaria, exigio de seu irmão D. Fernando que nada lhe descobrisse a ella á cerca de seu nascimento e jerarchia. D. Mencia continuou sempre a tratal'-o, não talvez como a um seu igual, por que ella tinha tanto de humilde como seu irmão de orgulhozo, mas pelo menos como a um fidalgo, cuja nobreza não seria tão antiga, que pozesse barreira insuperavel ao seu consorcio. Foi nesta persuazão que ella começára a amar; e só mais tarde é que D. Sancho lhe declarou que era o rei.

A dor da infeliz D. Mencia não teve mais limites: ella vio logo a sua reputação de todo e para sempre perdida; e a sua imaginação não lhe pintava senão amantes de reis votadas á execração dos povos, que lhes attribuiam sempre as proprias faltas que emanavam delles, e as mesmas desgraças que provinham do céo. Por isso quando el-rei D. Sancho lhe propoz leval'-a de Santarem para Lisboa para a distrahir de sua tristeza, prometendo dar-lhe ahi creados, pagens e um palacio, ella constantemente recusou taes offertas, e a uma deshonra brilhante preferio a solidão, na qual podia, se não amar sem remorsos, ao menos chorar sem testemunhas. Mas com quanto D. Mencia procurasse viver encoberta, renunciando as pompas mundanas e ás gala da côrte, assim mesmo não poude escapar aos olhos dos descontentes, que tendo visto augmentar desmedidamente dentro em tres annos a fortuna e influencia de D. Fernando, indagaram a origem de tão extraordinario valimento, e julgaram têl'-a achado nos amores de sua irmãa com el-rei. Desde este tempo todas as faltas, todas as leviandades, todos os insultos d'el-rei foram attribuidos á influencia desastroza de D. Mencia. E como D. Sancho, naturalmente fraco e preguiçozo, tinha abandonado a D. Fernando quasi todo o governo do reino, viam a influencia daquella no poderio deste, e amaldiçoavam a origem de que procedia, e ainda mais o poder que de tal origem emanava.

Não era pois muito de admirar o terrivel effeito que produzio na primeira nobreza do reino a presença de D. Fernando d'Almeida no limiar da porta, pela qual esperavam ver entrar el-rei. Como a mensagem de que elle vinha encarregado não era de qualidade tal que diminuisse os sentimentos d'odio que cada um ja lhe tinha, o descontentamento geral arrebentou derepente, logo que elle se retirou; mas toda esta tempestade de palavras e de ameaças se aplacou da mesma forma que se levantara, quando Manrique do Carvalhal, ergueu a mão para o ar, e pedio silencio.

D. Manrique de Carvalhal era desses homens, que a todos impõem respeito. Nobre de raça, bravo na guerra, e douto em concelho, elle teria sido de maximo proveito para a patria em outro qualquer reinado que não fosse o de D. Sancho. Mas tal é a desgraça dos governos fracos ou astutos que tudo o que é forte ou leal torna-se-lhes inimigo. D. Manrique de Carvalhal ergueu pois a mão e disse:

« Senhores el rei D. Sancho, a quem Deus guarde, suspendeu nosso concelho de dia em seu palacio. Convido-vos a todos quantos estaes aqui presentes para um concelho de noite em minha casa. Ali elegeremos um de nós para presidente, e trataremos de tomar uma decisão sobre o que se deve fazer para honra da nobreza e bem do reino. No entanto nada de gritos que nos possam trahir, nem de ameaças que possam pôr álerta nossos inimigos. Estejamos tranquillos e seremos justos,

sejamos unidos e seremos fortes. »

Toda a assembléa se dispersou com dignidade e em silencio; e el-rei, escondido por detraz de uma cortina com D. Fernando de Almeida, vendo-os ausentar julgou ver ainda nelles servos humildes e submissos, quando já eram rebeldes e conjurados.

A noite se passou tranquilla na apparencia: nada veio perturbar o somno d'el-rei, nenhum sonho lhe trouxe o écho das palavras terriveis que se diziam contra elle nesse concelho supremo nocturno, que se celebrava em casa de D. Manrique de Carvalhal, entretanto tudo foi decretado, resolvido e decidido, como se desde os primeiros tempos a sentença estivesse escripta sobre o livro eterno pela penna de ferro do destino.

De manhãa, no momento em que D. Sancho sahia da sua camara com botas, e esporas, inteiramente preparado para montar a cavallo, encontrou o Sr. de Leiria, que era bispo de Evora. El-rei encrespou as sobrancelhas, porque tinha dito que não queria ver ninguem.

— Senhor, lhe disse o bispo, cáia a vossa colera sobre mim unicamente, poque vos esperei aqui contra a vontade de todos os pagens, e criados, que fizeram tudo quanto poderam para que me retirasse. Mas tinha que fallar a V. A. da parte da nobreza do vosso reino.

— E que quer ella? perguntou el-rei.

— Quer saber se a vossa vontade será, em vez de ir hoje á caça, presidir ao concelho: os negocios que se deveriam tratar hontem são ur-

gentes, e não podem ser retardados.

— Senhor bispo, respondeu el-rei, tratae de arrecadar as rendas do vosso bispado, que, graças a Deus, é um dos mais ricos, não sómente do Alemtejo, mas tambem de todo o reino, e deixae-me desempenhar as minhas occupações de rei.

— Senhor, é justamente porque as não desempenhaes que me mandaram em deputação para vos dizer, que de toda essa fraqueza, e de todo esse abandono vos provirá alguma desgraça; as occupações de um rei, senhor, estão nos arduos negocios da policia e da guerra, e não nos prazeres do amor, nem nos divertimentos da caça.

— E se me não conformar, respondeu el-rei, com os conselhos que tendes a bondade de me dar em nome da minha nobreza, poderei saber, senhor bispo, qual será essa desgraça que me succederá?

— Essa desgraça, senhor, é que em alguma noite, quando voltardes de visitar vossa amante, ou de correr após os gamos, achareis as portas de Lisboa abertas para todo o mundo, mas fechadas para vós.

— Então, senhor bispo, replicou D. Sancho, rindo com desprezo irei para Coimbra; Portugal é rico em cidades reaes; é uma corôa que tem mais de uma pedra preciosa.

— Coimbra estará fechada da mesma forma que Lisboa.

— Irei para Setubal.

— Setubal estará fechada como Coimbra.

— Pois bem! dizei á minha nobreza, disse el-rei, que, ainda quando fosse minha vontade ir presidir hoje a meu concelho, o differiria para daqui a oito dias: tão curiozo estou por ver semelhante couza!

— Vela-heis, senhor, respondeu o bispo de Evora.

E, saudando el-rei, sahio com o mesmo socego e dignidade que conservara nesta ultima tentativa que dos conjurados alcançara fazer, para persuadir a el-rei D. Sancho; e cuja inutilidade acabava de reconhecer.

Pela sua parte el-rei montou a cavallo com seu valido, atravessou toda a cidade sem ver nenhuma mudança, e dirigio-se para Santarem, onde habitava a sua amante.

Neste dia D. Sancho achou D. Mencia mais triste, e comtudo mais affectuosa do que de costume. El-rei percebeu, logo que entrou, esta tristeza: e parando diante da sua amante, que estava assentada em um assento mourisco, assim lhe fallou:

— Mencia, quando as nuvens encobrem as estrellas, o rei do céo assopra, as nuvens dispersam-se, e as estrellas brilham; não poderei fazer outro tanto por ti, eu que sou o rei da terra? alguem ousaria insultar-te, Mencia? nomêa-o; e ainda que fosse meu irmão Affonso, pelo céo te juro, que lho faria pagar.

— Não, caro senhor, respondeu D. Mencia abanando a cabeça, e fazendo cahir duas perolas que tremiam nas suas pestanas; não, ninguem me insultou, e vós não deveis punir

mais do que a mim propria ; que sou uma insensata por não me julgar feliz, quando tantas mulheres se ufanariam de estar em meu lugar.

— Não procures enganar-me, Mencia, disse D. Sancho; sei que a tua alma de anjo te inclina ao perdão; mas o perdão anima os traidores, porque é ser traidor ao seu rei não amar o que elle ama ; e tambem a culpa é tua, Mencia: se tivesses vindo para a côrte, em vez de ficar nesta solidão, elles te teriam visto de mais perto, ter-te-hiam conhecido, e então te amariam, como eu te amo. Mas ainda é tempo, meu doce sol ; vem, e logo que tu luzires, sentirão os teus raios.

— Oh! bem longe disto, senhor , exclamou D. Mencia erguendo as mãos com ar supplicante, se tivesse uma graça a pedir-vos, seria pelo contrario o permittir-me que me retire para um convento, e que não permaneça por mais tempo assim entre vós e vosso povo, porque succeder-nos-ha a ambos alguma desgraça.

— Bem vês que me enganavas, Mencia, e que algum miseravel te daria esse conselho. Em nome de Deus, Mencia , nomêa esse, que se atreveu a ameaçar-te.

— A ameaça, se é que o é, senhor, viria de muito alto para que podesseis ferir aquelle, que a fez.... Mas tranquilizae-vos, senhor, não é uma ameaça, é um sonho.

— Um sonho!! Mencia! Sintó então não ter trazido o rabino Ismael; elle explica os sonhos como José, e ter-te-hia dito o que o teu significa.

— Ai de mim! senhor, respondeu suspirando D. Mencia, elle era tão claro que não precisava interprete.

— Vaticinava-te elle desgraças? E' um sonho bem insensato, e que não sabia que eu estava ahi para o desmentir. Vem comnosco, minha bella Mencia, e o prazer dissipará esta vizão, tão rapidamente como o sol dissipa as nuvens.

— E para onde ides, senhor? perguntou D. Mencia com inquietação.

— Para a caça.

D. Mencia empallideceu; e com voz tremula.

— Só? lhe disse ella.

— Com teu irmão.

— Oh! meu Deus! meu Deus! bradou D. Mencia: já me não resta a menor duvida; o meu sonho era um presentimento.

— Outra vez o teu sonho, disse em voz baixa D. Sancho com um pequeno movimento de impaciencia. Vamos, Mencia, conta-me esse sonho. Não tenho eu direito de saber os teus pensamentos, tanto os da noite como os do dia? Falla, eu te escuto.

— Oh! meu caro senhor, disse Mencia deixando-se cahir aos pés de D. Sancho, eis-aqui onde reconheço esta bondade, que todos ignoram, porque fica occulta no intimo do vosso coração. Em vez de rir da minha fraqueza, a quereis curar. Pois bem, é talvez Deus que vos dá esta compaixão por um terror, que outro qualquer trataria de loucura. Por ventura não zombareis do meu terror?

— Não; socega, fallá.

— Bem, senhor; vós apparecestes no meu sonho como presentemente estaes em realidade. No meu sonho me propozestes, como acabaes de o fazer, o levar-me á caça, o que aceitei. Tinha partido comvosco, e cavalgava a vosso lado, ufana da vossa galhardia, e da vossa destreza, dizendo comigo mesmo que, se não tivesseis nascido rei, algum povo vos teria acclamado.

— E tu tambem, Mencia, me lisonjêas; disse sorrindo-se el-rei.

— Não, meu amadissimo senhor; sempre vos fallo a verdade, ou senão vol-a fallo, ao menos digo-vos o que penso. Cavalgaveis pois perto de mim, quando entramos em uma espessa floresta, onde vossos cães não tardaram a desencovar um gamo. Cada qual o perseguio com grandes gritos de alegria, e eu tambem o persegui como os outros, mas triste e como levada em um turbilhão. Por instincto quiz gritar, quiz reter o meu cavallo; quiz, sem saber porque, dizer-vos que não perseguisseis aquelle pobre animal, mas estava sem voz; o meu peito teria antes estalado do que podesse escapar delle algum som. Emfim depois de uma carreira, cuja extensão não posso calcular, e na qual nossos cavallos, como se tivessem azas, atravessaram montanhas, rios e precipicios, o infeliz gamo começou a cançar; e, cousa estranha, indo-se no alcance da caça que ainda estava muito distante para ser vista, apezar disso eu via o gamo arquejando, arras-

tando-se apenas, e só caminhando por saltos desesperados todas as vezes que ouvia mais perto de si o latido dos cães, ou o som das buzinas. De repente uma frecha partio do meio d'uma carça, sem que eu visse a mão que a lançára, e o gamo, ferido na espadua, deu ainda alguns passos, depois cahio em terra banhado em seu sangue, e á proporção que a sua agonia se approximava (vós haveis-de ter tido algumas vezes destes sonhos, não é assim senhor? em que o verdadeiro e o falso, o fantastico e o positivo estão por tal forma confundidos, que não se pode distinguir a realidade da illuzão), seus membros, que se interiçavam, deixavam confusamente de ser os de um animal, e tomavam a semelhança dos de um homem; finalmente, depois de alguns minutos desta metamorphose dei um grito: acabava de reconhecer meu irmão. Sim, senhor, meu irmão, atravessado por uma frecha por baixo do braço, e que, na ultima convulsão, reunio todas as suas forças para voltar-se para o lado onde eu estava e dizer-me: « Mencia Mencia, guarda-te da caçada! » E immediatamente expirou.

— Como és louca! disse D. Sancho, não reconheces neste sonho insensato as incoherentes visões da noite?

— Oh! não, não, exclamou D. Mencia Não, acreditae-me bem, senhor; tenho tido em minha vida outros sonhos, mas nenhum me deixou uma semelhante impressão. Oh! senhor, não desprezeis este aviso. Depois de

qualquer outro senti sempre desvanecer-se pouco a pouco, se assim o posso dizer, o quadro em que estava encerrado; montanhas, florestas, paisagens, logo que abria os olhos, desappareciam á claridade do dia, como um vapor; porem, depois deste terrivel sonho, ainda hoje vejo tudo, como se não estivesse acordada, o cadaver de meu irmão está deitado ao pé de um grande rochedo coroado de pinheiros, perto de uma fonte onde se reunem as aguas de uma cascata; estão defronte delle as ruinas de uma antiga ermida destruida pelos Mouros, tendo em cima uma cruz quebrada. Vêde senhor, se tenho os olhos abertos ou fechados, tudo isto está diante de mim constantemente, e como cousas realmente existentes.

— Ao menos foi felicidade que este sonho, que ameaçou teu irmão, respeitasse a minha bella Mencia, porque fallo como o creio, não ficaria sem inquietação, eu o confesso, á vista de uma tal convicção.

— Oh! ainda não disse tudo, senhor, continuou D. Mencia, toda a familia foi envolvida na proscripção. Não parei ali, e entranhei-me mais avante no meu sonho sanguinolento. A caça continuou, porque somente eu parecia ser accessivel a esta horrivel visão. Sempre sem poder fallar, e arrebatada por uma força superior, continuei o meu caminho pelo meio da floresta, e quasi immediatamente os cães descubriram uma corça branca que descia o valle com toda a rapidez da sua carreira; e então a mesma scena se renovou, e, como se

eu fosse dotada de uma duplicada vista, a pude seguir atravez das mil voltas que fazia para enganar os cães; nesta occasião fui somente eu que experimentei todos os seus terrores, era eu que estremecia ao latido dos cães, e a cada som da busina. Finalmente alcançamo-la, e uma flecha partio, que a foi ferir na ilharga, e no mesmo instante senti no lado uma grande dôr e assim como o sangue corria sobre a sua branca pelle, tambem o sangue tingio o meu vestido; então segunda flecha partio e foi dar-lhe no lado opposto, e no meu lado opposto, que era o do coração, senti uma dôr viva, aguda, mortal, e o sangue brotou desta segunda ferida como da primeira; a corça cahio gemendo e bramando, e um homem se lhe aproximou com uma faca na mão, e este homem me causou um terror tão grande como se tivesse caminhado para mim; este homem se lhe approximou, e apezar dos meus gemidos, sem dar attenção a mim que procurava por meus gestos supprir as minhas palavras, com aquelle ferro abrio-lhe a garganta, e por minha alma, senhor, sim, eu vo-lo juro, o senti entrar afiado e frio na minha propria garganta; dei um grande grito que me despertou, e levei muito tempo para me convencer de que não estava ferida, com a mão no pescoço, olhando para ambas as ilhargas para essas feridas que recebêra, e tomando por sangue o suor mortal que me corria por todo o corpo. Oh! vêde, senhor, continuou D. Mencia levando suas mãos aos lugares indicados, foi aqui, aqui, e aqui, e só

em fallar nisto padeço, e estou prestes a morrer. Supplico-vos, senhor, que tenhaes piedade de mim, e que não vades a esta caçada, porque estou certa que, se tivesse continuado meu sonho, depois de meu irmão, depois de mim, era a vós, senhor, que esta ameaça ia tocar.

D. Sancho rio-se desta historia. A' semelhança de todos os caracteres fracos, affectou duvidar para parecer forte, e tomando sua amante nos braços, disse-lhe:

— Mencia, tenho sempre ouvido dizer que, encaminhando-nos para um fantasma, o faziamos desapparecer. Assim farei ao teu sonho; caminharemos direito a elle, e desapparecerá.

— Oh! não, não, senhor, salvo se m'o ordenardes, porque sou vossa serva, e obedecerei ás vossas ordens. Não, não irei a esta caçada; e se vós me acreditaes, não ireis tambem.

— Farás o que te agradar, Mencia, e não o que for a minha vontade. Acreditas que algum perigo te ameaça em seguir-me? fica meu amor, quero poupar-te até a sombra do temor. A' minha volta, encontrar-te-hei, e terás tudo esquecido, excepto o nosso amor, Adeus, até nos tornarmos a ver.

D. Mencia ficou um instante abraçada a D. Sancho, reclinada para tras, com os olhos fechados e a boca meia aberta, como se estivésse desmaiada, mas em um momento seu peito inchou, suas lagrimas rebentaram, e rom-

peu em soluços taes, que D. Sancho sentio sua resolução vacillar, e ficou um instante incerto, começando a duvidar que uma semelhante afflicção podesse ser o effeito de um sonho, e presumindo que ella soubera alguma cousa que lhe não queria dizer.

— Mencia, disse-lhe elle, é impossivel que um sonho te cause taes angustias; prometteme dizer o que na verdade tens, eu ficarei.

— Não, não, disse D. Mencia, ide á caça, senhor, porque não tenho outra cousa mais a dizer-vos do que já vos disse; mas voltae depressa, porque sinto que não terei nenhuma tranquillidade de espirito senão tornando-vos a ver.

— Tuas vontades são ordens, respondeu D. Sancho; em vez de ir a Castello Branco só irei a Sarzedas, e em vez de me demorar oito dias apenas estarei tres. Adeus, até breve.

D. Mencia lhe disse adeus com a cabeça, porque não podia fallar, achando-se a sua voz presa por soluços: seguio-o com os olhos em quanto o poude ver atravez das portas da camara, e logo que desappareceu, correu á janella afim de o saudar ainda outra vez. Emfim D. Sancho desappareceu no angulo de uma rua; e, comtudo, D. Mencia ficou por muito tempo immovel no mesmo lugar, e com os olhos fitos no mesmo sitio, como se esperasse vê-lo reapparecer.

Durante este tempo, passavam-se em Lisboa cousas que justificavam os presentimentos de D. Mencia.

Os fidalgos corresponderam sollicitos ao convite de D. Manrique de Carvalhal, e como este era um fidalgo rico e poderoso, ninguem se inquietou de vêr entrar na sua casa um tão grande numero de pessoas: mas no dia seguinte pela manhãa o espanto foi grande, quando viram construir-se um vasto tablado em um prado que se estende entre Lisboa e o pequeno golfo que se adianta nas terras acima da cidade. Como toda a gente ignorava para que fim se levantava este tablado, todos os que passavam paravam defronte delle. Por outro lado, os curiozos da cidade, sabendo o trabalho singular que se fazia ás portas della, correram com tanta pressa, que ao meio dia havia já uma multidão consideravel, esperando o resultado desta construcção.

A's dez horas, tendo-se acabado a obra de carpinteiro, estenderam sobre os degráos da plata-fórma do tablado um magnifico tapete sobre o qual pozeram um throno, em tudo semelhante ao d'el rei, tendo por cima as armas de Portugal. Immediatamente collocaram nesse throno uma estatua representando el-rei D. Sancho: tinha na cabeça a corôa, o sceptro na mão, e á cinta a espada da justiça: esta estatua estava revestida com as vestes reaes, sobre as quaes brilhavam as insignias da realeza; um grande numero de escudeiros e de guardas se aproximaram; os escudeiros, que traziam os estandartes de seus amos, subiram os degráos e foram pôr-se por detraz do throno, abaixando seus estandartes ao estandarte de Portugal.

Os soldados formaram-se em circulo em roda do tablado, e cada qual ficou ainda mais curioso e mais admirado.

Ao meio dia, toda a nobreza de Lisboa, que acabava de ouvir missa devotamente, sahio da igreja, conduzida por D. Manrique de Carvalhal; levava no meio della o Sr. D. Affonso, irmão segundo d'el-rei D. Sancho, que se julgava estar na Catalunha, e que em consequencia de uma mensagem que recebêra oito dias antes, chegára secretamente a Lisboa. Este cortejo dirigia-se para o prado, precedido por uma musica marcial, como se marchára para uma batalha ou para uma festa, seguido por multidão ainda maior do que a que lá se achava. Quando os soldados viram esta nova assembléa, abriram passagem. D. Manrique de Carvalhal e o bispo d'Evora pozeram-se ambós aos lados do throno; os outros fidalgos se collocaram nos degraos, em distancias que indicavam suas graduações: um pregoeiro publicó subio ao ultimo degráo: uma trombeta estrondosa tocou para pedir attenção: todos os fidalgos desembainharam as espadas, e o pregoeiro publico pronunciou estas palavras:

« Vós todos, Portuguezes, grandes, ricos-homens, prelados, cavalheiros, escudeiros e cidadãos, ouvi! ouvi! ouvi!

» El-rei D. Sancho de Portugal, degenerando da estirpe donde procede, esquecendo-se dos deveres, que lhe são impostos, tendo-se finalmente tornado indigno da corôa que elle deshonra, foi do agrado de Deus, pelo inter-

medio dos nobres confederados reunidos para prosperidade do reino, condemnal'-o á deposição que tem merecido.

» Mereceu sobretudo esta deposição por quatro causas, e estas quatro causas são as seguintes:

» Primeira. El-rei D. Sancho é indigno da corôa, porque elle proprio não a póde sustentar, e porque não é elle, mas o funesto D. Fernando de Almeida, quem governa a nação com uma insolencia insupportavel para espiritos tão altivos como são os Portuguêzes: em consequencia, já que el-rei não póde sustentar a corôa, é tempo que ella seja posta em uma cabeça mais capaz e mais digna de sustental-a. Perca pois el-rei D. Sancho a corôa! »

Depois destas palavras, o pregoeiro publico parou, e a assembléa ficou em um silencio profundo: dir-se-hia que toda essa multidão só tinha olhos e não respiração, porque todos os olhos brilhavam como chammas, e não se ouvia um só sopro no meio desse torpor geral. O bispo de Evora, senhor de Leiria, aproximou-se com lentidão e solemnemente á estatua d'el-rei, e tirou-lhe a corôa da cabeça. A este acto a multidão rompeu em applausos tão estrondosos, que desde este momento os fidalgos julgaram que a sua causa estava ganha perante o povo. Para não deixar arrefecer os espiritos, fizeram signal ao pregoeiro publico para continuar, e elle continuou:

» Segunda. El-rei D. Sancho de Portugal é indigno de cingir a espada da justiça, pois

que se esquece de se servir della para proteger seus vassallos: não é o seu espirito, mas sim o espirito de uma mulher deshonesta que dirige sua vontade; não é a sua boca, mas a boca dessa mulher que dicta os decretos; não é a sua mão, mas a mão dessa mulher que firma seus actos; e isto em prejuizo do bem e do interesse commum: por conseguinte, é preciso que a espada da justiça não seja deshonrada por mais tempo em mãos indignas de empunhal-a. Perca pois a espada da justiça D. Sancho de Portugal! »

O pregoeiro publico novamente guardou silencio. D. Manrique de Carvalhal aproximou-se da estatua, e arrancou-lhe da cinta a espada da justiça. Novas acclamações retumbaram ainda mais furiosas do que as primeiras. O pregoeiro publico passou á accusação seguinte:

» Terceira. El-rei D. Sancho de Portugal é indigno de empunhar o sceptro. Para empunhal-o dignamente, um rei deve presidir a seus conselhos, mandar seus exercitos, e não passar sua vida em caçadas, em bailes e em festas; para sustentar dignamente o sceptro, um rei deve ser firme e justo; D. Sancho, pelo contrario, é fraco, indolente, prodigo, e dissipador das rendas do estado. Perca pois D. Sancho de Portugal o sceptro! »

O conde de Rodrigo aproximou-se da estatua e tirou-lhe o sceptro da mão.

» Quarta. El-rei D. Sancho de Portugal é indigno de estar assentado no throno, por

que, além de se ter feito culpado de todos os actos de traição que temos referido contra a honra da nação portugueza, tem tambem perseguido injustamente com seu odio a seu irmão D. Affonso, unico e verdadeiro herdeiro da corôa, tendo-o desterrado sem motivo, na esperança talvez de o substituir por algum filho illegitimo; mas Deus não permittirá tanta vergonha e deshonra, e os nobres colligados preveniráõ esta desgraça conferindo o throno a aquelle que o merecer por seu nascimento, por sua coragem e sabedoria. Seja pois expulso do throno D. Sancho de Portugal! »

Immediatamente D. Diogo de Salvaterra aproximou-se do throno, pegou na estatua e a derribou de cabeça para baixo: ao mesmo tempo os colligados levantaram D. Affonso nos seus braços e o collocaram no throno vago, acclamando-o rei em lugar de seu irmão; esta acclamação foi recebida com grandes gritos de alegria pelo povo, que sempre pensa ganhar alguma cousa em mudar de soberano; em um instante D. Affonso III foi revestido das insignias da realeza; o bispo de Evora foi o primeiro que se lhe aproximou, e rendeu-lhe homenagem beijando-lhe a mão; seguio-se-lhe D. Manrique de Carvalhal; e foi seguido do conde de Rodrigo e D. Diogo de Salvaterra; depois destes quatro delegados da confederação, vieram todos os fidalgos que a compunham; finalmente o novo rei montou em um magnifico cavallo branco coberto com o arnez real, escoltado pela nobreza, e seguido pelo povo, en-

trou na cidade de Lisboa, e se dirigio para a cathedral, onde o bispo de Coimbra cantou um *Te-Deum*: o resto do dia passou-se em festas e regozijos.

Durante esse tempo, D. Sancho caminhava para a floresta de Sarzedas, acompanhado de D. Fernando de Almeida, e de alguns de seus criados mais familiares, porque havia algum tempo que nenhum grande queria achar-se no lugar onde estivesse D. Fernando. Mas el-rei D. Sancho estava por tal fórma cego pelo amor que tinha á irmãa, e pela amizade que consagrava ao irmão, que havia alienado de si a antiga nobreza sem nada fazer para a conciliar; nesta caçada fatal elle só era acompanhado pelo seu valido, e pelos seus monteiros.

As ordens tinham sido dadas com antecedencia, e chegando D. Sancho ao lugar assignalado, soube que um excellente gamo fôra desencovado durante a noite; demorou-se apenas o tempo necessario para almoçar, tanto era o seu ardor pela caça. Dispozeram-se os cães e cavallos de muda: um monteiro entrou com seu sabujo na cerca, e no cabo de um instante ouvio-se o som da busina que annunciava que o gamo sahia da brenha: ao mesmo tempo viram-no, como uma sombra atravessar com um salto e sem tocar na terra o lugar em que o esperava D. Sancho e D. Fernando; os cães foram immediatamente soltos sobre elle; D. Sancho e o valido lançaram-se atraz dos cães, e a caçada começou.

Logo nos primeiros passos que deu, o ca-

vallo de D. Fernando parecia animado de uma velocidade sobrenatural; ainda que el-rei montasse um ginete do mais puro sangue mourisco, o cavallo andaluz de D. Fernando tentou muitas vezes ganhar-lhe a dianteira, e estabeleceu-se uma luta entre o cavalleiro e o cavallo, na qual não se podia prevêr qual seria o vencedor, quando el-rei, vendo que a digressão intempestiva do cavallo e do cavalleiro interrompia a caçada, gritou para seu valido que o deixasse caminhar. Apenas para obedecer largou este as rédeas, que o seu ginete o arrebatou com a rapidez de uma visão; el-rei lançou-se atraz delle á todo o galope; durante muito tempo o seguio, atrazando-se pouco a pouco, mas continuando a distinguil-o por entre as arvores; em fim D. Fernando passou adiante dos mesmos cães e desappareceu em uma matta espessa: bem depressa se ouvio o som da sua busina que dava signal de ter visto a caça, e ia com ligeireza igual ao gamo. No cabo de dez minutos ouvio-se segunda vez a sua busina; mas, quaesquer que fossem os esforços que tivessem feito os caçadores para seguil-o, el-rei vio que elle estava muito adiantado: esta corrida assim durou duas horas, e o som da busina ia enfraquecendo pouco a pouco. Finalmente cessou de repente e de todo no meio de um toque: el-rei não comprehendendo nada desta interrupção, e principiando a inquietar-se, dobrou sua carreira, e se separou a seu turno dos caçadores. Seu cavallo, como se fosse guiado por uma mão invisivel, parecia seguir um rasto; o

lugar ia sendo cada vez mais agreste e selvagem; el-rei nem por isso deixou de continuar: pouco a pouco pareceu-lhe entrar em um caminho que não lhe era desconhecido, se bem que nunca o tivesse visto; entretanto conheceu que era uma ermida em ruinas, tendo por cima uma cruz quebrada: olhou para defronte, parecia-lhe que devia haver um grande rochedo cheio de negros pinheiros, os pinheiros e o rochedo estavam defronte da ermida. Seus olhos viráram se immediatamente para a extremidade, e procurou uma fonte e uma cascata que ali se deviam achar; a fonte e a cascata ali se achavam. Então olhou com afflicção inexprimivel para a relva. Sobre a relva estava estendido um homem nas ultimas convulsões da agonia. El-rei saltou do seu cavallo, correu para este homem, e deu um grito. Aquelle homem era D. Fernando: seu cavallo o tinha precipitado do alto do rochedo, e tinha quebrado a testa contra uma pedra. Então el-rei recordou-se donde lhe vinha a lembrança desta paisagem; era a que D. Mencia víra em sonho, e cuja descripção lhe fizera tão fielmente. O cadaver estava deitado ao pé de um rochedo coroado de pinheiros, tinha diante de si uma pequena ermida em ruina, com sua cruz quebrada, e um vasto tanque natural onde se reuniam as aguas de uma cascata.

El-rei quiz soccorrer D. Fernando, mas era tarde: D. Fernando estava morto. Embocou a busina e tocou com toda a força para chamar a sua comitiva. Em um instante ap-

pareceram alguns cães desgarrados que tinham perdido o rasto; depois soaram as vozes dos monteiros; finalmente appareceram alguns cheios de desasocego e de terror; acharam el-rei que tinha transportado o cadaver de D. Fernando para o pé do tanque, e que, não podendo crer que estivesse inteiramente morto, procurava fazêl-o tornar a si lançando-lhe agua no rosto; quanto ao resto dos caçadores, tinham-se dirigido para outra parte, seguindo uma corça branca que enganava os cães, apezar de todo o trabalho que os monteiros haviam tomado para evitar este engano, e distrahil-os de seguir este novo rasto. Ao ouvir esta nova, na apparencia tão indifferente na circumstancia em que se achavam, D. Sancho estremeceu como tocado de um novo terror. Deixou cahir o cadaver de D. Fernando que sustinha encostado no joelho, pédio outra vez que lhe contassem esta circumstancia com individuação, desmaiando á medida que lha contavam; e quando o monteiro mór acabou de fallar, pôz-se a escutar para saber donde vinha o latido dos cães que se ouvia ao longe, e deixando o corpo do seu valido nas mãos dos monteiros, montou com precipitação no seu cavallo e esporeou-o como um insensato para o lado donde vinha o ruido.

D. Sancho acabava de se lembrar da segunda parte do sonho de D. Mencia, que tinha relação com ella propria.

O cavallo de D. Sancho parecia ter azas, e com tudo dilacerava-lhe a barriga com as es-

poras. Parecia-lhe, depois da realidade horrivel que a primeira parte do sonho de D. Mencia tomára, que era a sua propria amante que estava em perigo; queria pois chegar a tempo de desviar os cães, e interromper a caçada abominavel! porém, qualquer que fosse a velocidade do filho do deserto, que o levava como um turbilhão, apenas se aproximava lentamente dos cães, que de vez em quando davam a entender por longos latidos que tornavam a descobrir o animal que perseguiam. Depois de tres horas desta perseguição incessante, avisinhou-se a ponto de ouvir distinctamente o som da busina, que de minuto em minuto fazia signal de estar o animal á vista, o que era indicio que elle começava a cansar, e ia sem demora ser agarrado pelos cães; finalmente o terrivel grito de fila fez-se ouvir: D. Sancho precipitou o seu cavallo, e chegou no momento em que a corça, atravessada por muitas frechas, das quaes a ultima lhe varou o coração, acabava de expirar.

E' impossivel descrever a impressão que esta vista produzio em el-rei; a vida fantastica estava para elle desde aquella manhãa confundida de tal sorte com a vida real, que só á tremer é que lançou os olhos para o desgraçado animal nadando em sangue; parecia-lhe que ia vêr a corça tomar uma figura humana e levantar-se diante delle como uma apparição: o olhar moribundo que ella lhe lançou augmentou-lhe ainda mais a perturbação, tão cheio estava elle de afflicção e de dôr. Desde então

ficou sem nenhuma duvida, é certo que D. Mencia corria algum perigo: montou em um novo cavallo, ordenou a uma parte do seu sequito que fosse para onde estava o cadaver de D. Fernando, e, seguido pela outra, arremessou-se para a estrada de Santarem.

Apenas tinha caminhado algumas legoas, que não podendo resistir á sua impaciencia, e vendo que os caçadores que o seguiam, não indo montados em cavallos tão bons como o seu, não poderiam acompanhal-o, principiou a galopar, determinando Santarem para o lugar onde se deviam ajuntar. Tambem um presentimento terrivel o fazia apressar, e amargamente se arrependia de não ter cedido ás instancias de D. Mencia. De vez em quando alternativas de esperanças se lhe apresentavam, durante as quaes respirava, como quando sahimos de um sonho horrivel; porém bem depressa depois, á semelhança dos que dormem que tornam a ter o mesmo sonho, deixava-se apoderar dos seus terrores; enterrou novamente as esporas na barriga do cavallo, que o levava com a velocidade do vento.

Chegou a noite, porém nem por isso D. Sancho afrouxou sua carreira, que tomou pelo contrario na mesma obscuridade um caracter mais sombrio e mais fantastico. Na especie de vertigem a que estava entregue parecia-lhe vêr nas arvores, que bordavam a estrada, outros tantos fantasmas sahindo do seio da terra, e seguindo-o por ambos os lados do caminho; finalmente, aos primeiros raios da lua,

vio as torres de Santarem: tinha andado em menos de seis horas o caminho que na vespera levára todo um dia.

D. Sancho, chegando á casa de D. Mencia, saltou do seu cavallo, e deixando-o ir á discrição, encaminhou-se para uma pequena porta por onde costumava entrar quando vinha de noite. Chegado a esta porta, parou um instante para respirar, escutou com anxiedade se ouvia alguma bulha que justificasse os seus temores: tudo estava tranquillo e silencioso. D. Sancho tomou algum alento.

Entrando no jardim lançou machinalmente os olhos para um caramanchão de jasmins e romeiras, retiro predilecto de D Mencia; pareceu-lhe vêl-a assentada debaixo desse caramanchão, como mil vezes a vira, e desviou-se do caminho que levava para ir ter com ella: mas á medida que se aproximava, a visão tornava-se menos distincta. Chegado ao caramanchão, o que elle tomára por um corpo se dissipou como uma nevoa; pareceu-lhe ouvir um gemido que o fez estremecer; mas olhando em redor de si, e não vendo mais do que um ligeiro vapor, sem fórma, fluctuante e arrastando-se pela terra, parecendo-se com as rugas de um vestido, subio as primeiras escadas: o vapor subio diante delle, e parecia mostrar-lhe o caminho. Na porta este vapor parou, como se não podesse passar, e D. Sancho ouvio um segundo gemido. Lançou-se para a porta, e julgou sentir no rosto a impressão de uns cabellos molhados de orvalho; mas

esta impressão foi tão rapida, que não poude crer na sua veracidade; a porta abrio-se; o vapor correu pela caza, passou pelas portas meio-abertas, encaminhando-se para a camara de D. Mencia; D. Sancho seguio este guia extraordinario, seus joelhos tremiam, e o suór lhe corria pelo rôsto; chegando elle á entrada da camara de D. Mencia, parou; o vapor se introduzio entre os cortinados da cama, que estavam fechados, e desappareceu. D. Sancho ficou immovel, sem respiração, olhando de um para outro lado da camara, apenas allumiada por uma lampada que ardia aos pés de uma imagem da Virgem; e vendo que tudo estava socegado e que todas as cousas estavam em seu lugar, caminhou brandamente para o leito, reprimindo a sua respiração, e escutando se não ouviria o respirar brando e ligeiro de D. Mencia. Nenhum sôpro fluctuava no ar. D. Sancho abrio as cortinas com mão tremula. D. Mencia estava deitada. Curvou-se para ella, não ouvio nenhuma respiração; pôz sua boca sobre a de D. Mencia, ella estava gelada; arrancou o lençol que a cobria, o leito estava cheio de sangue. D. Sancho deu um grito, correu para a imagem da Virgem, e á claridade da lampada vio que D. Mencia recebêra, em quanto dormia, uma punhalada no coração. As duas partes do sonho estavam cumpridas.

D. Sancho bradou por soccorro: as criadas de D. Mencia correram, mas tudo foi inutil, ella estava morta, morta assassinada por

uma mão tão habil que só dera um golpe, e que ella nenhum grito lançára, pois que as criadas que estavam deitadas no quarto visinho nada tinham ouvido.

El-rei passou a noite inteira á cabeceira do leito da sua amante, revolvendo na mente projectos de vingança tanto mais terriveis, que, apezar de ignorar quem fosse o assassino, não duvidava donde o golpe partira; ao despontar do dia chegou a sua comitiva trazendo o cadaver de D. Fernando. D. Sancho mandou deitar cada um dos cadaveres em uma cama de estado, e pondo-se á frente da sua pequena comitiva, marchou para Lisboa.

Chegando ás portas da cidade, achou-as fechadas; andou em roda dellas; por toda a parte só vio pedras, ferro e madeira; tocou a sua busina, ninguem respondeu; ter-se-hia dito que era uma cidade onde tudo perecêra, ou que estava encantada.

D. Sancho estava quasi só, e nada podia fazer; resolveu pois ir a Coimbra, e voltar com a guarnição da fortaleza. Pôz-se em marcha para aquella cidade, e alli chegou no dia seguinte de manhãa.

As portas de Coimbra estavam fechadas como as de Lisboa.

D. Sancho só tinha esperança em Setubal; atravessou o Zezere, o Téjo e o Sado, e ao cabo de tres dias chegou a Setubal. Setubal estava fechada como Coimbra e Lisboa.

A predicção do bispo de Evora estava cumprida, e D. Sancho vio o que desejava vêr.

Durante estas differentes viagens, seu sequito tinha gradualmente diminuido; em Coimbra só tinha comsigo dez homens; em Setubal apenas trez; nas fronteiras de Hespanha nenhum.

D. Sancho, abandonado por todos, retirou-se para Toledo, onde el-rei de Castella lhe deu um asylo.

Só lhe ficou fiel em todo o seu reino D. Martim de Freitas, governador do castello da Horta: infelizmente D. Sancho o esquecêra havia muito tempo.

E entretanto D. Martim de Freitas fizera fechar as portas do castello, e dobrar as sentinellas.

IV.

Quando D. Affonso III soube que todo o Portugal se tinha submettido á sua auctoridade, excepto a fortaleza da Horta, mandou contra ella D. Manrique de Carvalhal com 4:000 homens.

D. Martim de Freitas pela sua parte tomou todas as precauções para quando fosse atacado não estar desprevenido; reunio todos os seus vassallos, fez entrar para a fortaleza todos os viveres que ella podia conter, e ajuntar nas muralhas todas as machinas de guerra usadas naquella época; e o resultado foi que se achou com 200 homens de guarnição, viveres para seis mezes, e munições para dez assaltos.

Uma manhãa participaram a D. Martim de Freitas que se viam os estandartes de D. Manrique de Carvalha desenrolarem-se na campina. D. Martin ordenou a todos os trombetas que tocassem o mais alto possivel em signal de alegria. Fizeram-no com tão grande estrepito, que D. Manrique de Carvalhal, ouvindo-o do outro lado do Mondego, disse voltando-se para o conde de Rodrigo, que commandava debaixo das suas ordens: « Parece que ha alguma festa no castello da Horta. »

De tarde, D. Manrique parou á distancia de tres tiros de setta dos muros da fortaleza, e mandou um arauto para ordenar a D. Martim de Freitas que reconhecesse D. Affonso III como rei de Portugal, e que lhe entregasse as chaves da cidadella. D. Martim de Freitas respondeu que não reconhecia D. Affonso III, e que só entregaria as chaves a D. Sancho.

De noite, D. Manrique estabeleceu seu campo em roda do castello da Horta, e no dia seguinte mandou segunda vez o arauto fazer a mesma intimação: o arauto voltou com a mesma resposta.

O dia se passou em uma observação mutua. No outro dia, ao despontar a aurora, o arauto voltou á fortaleza pela terceira vez. D. Martim respondeu como fizera as primeiras duas.

D. Manrique de Carvalhal preparou-se para dar o assalto, e D. Martim de Freitas para sustental-o; ambos eram conhecidos por

circumspectos e valentes capitães, assim nem um nem outro de nada se descuidaram.

Deu-se o assalto, que foi terrivel, encarniçado e sanguinolento. Depois de doze horas de combate corpo a corpo, depois de ter D. Manrique de Carvalhal cercado as torres com os seus 8:000 braços, depois de ter por tres vezes posto a mão sobre as ameias, foi obrigado a retirar-se deixando 200 homens nos fossos da fortaleza.

Outros quatro assaltos succederam, igualmente inuteis e mortiferos. D. Manrique de Carvalhal, tendo perdido 1:000 dos seus melhores soldados, resolveu procurar reduzir pela fome a cidadella, que não podéra tomar pela força; converteu o cerco em bloqueio.

Desde este instante nada mais entrou na cidadella. D. Manrique fechou até as passagens mais occultas, e o castello da Horta foi separado do resto do mundo por uma linha impenetravel. Durante os quatro primeiros mezes, D. Martim de Freitas soffreu este bloqueio sem parecer muito inquieto; mas vendo que seu inimigo não se dispunha a levantar o cerco, e que só lhe restavam provisões para dous mezes, poz toda a sua gente a meia ração. Graças a esta medida, os mantimentos chegaram para quatro mezes.

D. Manrique persistio. No cabo de outros dous mezes D. Martim foi obrigado a reduzir as rações á metade: desta vez não havia meio de prolongar a defeza por nova reducção de viveres, cada homem recebia o que lhe era restrictamente necessario para não morrer de fome.

As provisões acabaram, a fortaleza só encerrava viveres para seis mezes, e soffria um sitio de dez. Comeram os cavallos, os cães, os gatos, os ratos; finalmente, principiaram a cozer o couro dos arnezes para ver se havia que roer.

D. Manrique não se movia do seu campo. Via-se do alto da cidadella chegar a seu acampamento manadas de bois e de carneiros; a vida dos sitiantes se passava em festins, e quando as noites eram serenas, as sentinellas ouviam o estribilho das suas cantigas quando bebiam.

Era inteiramente o contrario do que se passava entre os sitiados: sua miseria augmenta cada dia mais; fracos macilentos e descarnados, apenas podiam suster o peso das armas. Já não pareciam homens, mas sim fantasmas: e se D. Manrique se tivesse lembrado de dar o sexto assalto, certamente com pouco custo se teria assenhoreado dos infelizes partidarios de D. Sancho: mas elle antes queria deixa-los morrer de fome: era mais dilatado, porem mais seguro.

D. Martim de Freitas estava desesperado: não se illudia sobre a possibilidade de sustentar se por mais tempo: via que de um a outro momento era preciso ceder, sua resistencia estava nos ultimos paroxismos: era uma questão de tempo: já elle não contava mais do que por dias, e bem depressa não contaria senão por horas.

Este momento chegou; depois de terem

comido até as mesmas folhas das arvores, uma bella manhãa a guarnição não teve mais nada que comer, jejuou um dia inteiro, não ousando queixar-se, porque D. Martim de Freitas havia dous dias que jejuava.

A noite se passou tambem do mesmo modo; cada qual fez esforços para dormir; alguns o conseguiram, e sonharam que estavam em um banquete, e acordaram ainda mais esfaimados do que os que tinham velado.

Chegou o dia. D. Martim só contava com um milagre, e como era cavalheiro verdadeiramente pio e religioso, foi á capella para orar a Deus que operasse esse milagre; rogou que se lembrasse que elle estivera duas vezes na Terra Santa e que tinha morto muito infieis, e que nunca pedira nada por isso. Mas que a circunstancia era tão grave, que não podia deixar de lembrar-lhe os seus serviços, pois que parecia que delles se esquecera.

Feita a sua oração, sahio cheio de fé, olhou em roda de si, e vio uma aguia pescadora, que descia do céo como um relampago, e que se abaixava para o rio; pareceu lutar um momento na superficie da agua, e immediatamente tornou a voar levando nas garras uma excellente truta (a).

(a) Nunca se espere em escriptos desta natureza exactidão historica: deleitar e não instruir he o seu fim. O presente da truta he um facto historico do mesmo tempo a que se refere a novella de Alexandre Dumas; aconteceu porem com Fernando Martins Pacheco, governador de Celorico da Beira.

A aguia vôou para o castello da Horta, e quando passava por cima da cidadella, deixou cair a truta aos pés de D. Martim de Freitas.

Este vio que o milagre que pedira se tinha effectuado: pegou na truta, mandou-a guisar o melhor que podessem, e pondo-a em magnifica salva de prata, mandou-a levar a D. Manrique de Carvalhal, com uma carta em que lhe dizia que penalisado pelas privações que elle devêra ter soffrido durante aquelle cerco, em que só o vira comer vacca e carneiro, rogava-lhe que acceitasse aquella truta do seu viveiro, para variar um pouco de comida.

D. Manrique julgou que gente que mandava semelhantes presentes a seus inimigos devia viver na abundancia, e que seria perder o seu tempo procurar reduzi-los pela fome: por conseguinte, no mesmo dia levantou o cerco, declarando sómente rebelde ao novo rei qualquer que tivesse relação com D. Martim, ou com algum dos homens do seu sequito; esta declaração foi proclamada ao som da trombeta nas cidades e villas circumvisinhas.

No dia seguinte todos os sitiantes tinham desapparecido: e, na verdade, era tempo! se

---

Mais inexactidões se encontram, como a de D. Mencia ser amante de D. Sancho quando era sua mulher, e conhecida na nossa historia pelo nome de D. Mecia ou Micia. O valido de D. Sancho era D. Martim Gil, e não o irmão da Rainha que se chamava D. Diogo Lopes de Haro. Martim de Freitas não morreu frade, &. &..

Do Traductor

se demorassem mais um dia, todos os sitiados morreriam.

D. Martim de Freitas não fez mais do que mudar de bloqueio, com a differença de que o ultimo era mais extenso; as villas circumvisinhas, assustadas com a ameaça de D. Manrique de Carvalhal, trataram D. Martim de Freitas e a sua pequena tropa como parias; elles eram obrigados a pescar e caçar para viver, porque ninguem lhes queria vender nem carne nem peixe. Quanto ás raparigas, quando viam por acaso algum pagem ou algum escudeiro, fugiam para outra parte.

No cabo de um anno de isolamento no meio desta especie de cordão sanitario, a brava guarnição, que supportára seis dias de assaltos e dez mezes de fome, não podendo tolerar o enfado, achou-se reduzida, pela deserção, a uns vinte homens; os que ficaram eram os escudeiros e os pagens, todos mancebos de grandes e nobres familias, que consideravam como cobardia abandonar seu capitão; entretanto, chegou a sua vez de desanimar como os outros, e enviaram um delles a D. Martim de Freitas.

— Senhor, lhe disse o deputado, venho em nome de meus camaradas supplicar-vos humildemente que tomeis em consideração a sua miseria.

— De que se queixam? perguntou D. Martim

— Queixam-se, senhor, de serem obrigados como villões a caçar e a pescar para viver;

queixam-se de ficarem na obscuridade e no esquecimento, em quanto muitos, que não se lhes assemelham nem em nobreza nem em coragem estão cheios de honras na côrte.

— Ide dizer a esses que vos enviaram, respondeu D. Martim de Freitas, que a caça e a pesca são divertimentos de rei e não de villões, e a prova é que o nosso rei D. Sancho, que Deus conserve, perdeu o seu throno por ter caçado em demasia. Accrescentae que, longe de estarem na obscuridade e no esquecimento, o nome do ultimo dos nossos pagens é neste momento mais conhecido em todo o Portugal do que o do primeiro grande da côrte d'el-rei D. Affonso, e que na falta das honras que rodeam os cortezãos elles gozam das que immortalisam os leaes.

O deputado voltou para os que o tinham enviado, e lhes repetio palavra por palavra a resposta de D. Martim de Freitas.

E elles se resignaram.

Um anno assim se passou. No cabo deste anno, um mensageiro d'el rei D. Affonso se apresentou diante da fortaleza da Horta; vinha annunciar da parte d'el-rei D. Affonso, a D. Martim de Freitas, que podia presentemente entregar as chaves da cidadella, pois que el-rei D. Sancho fallecêra em Toledo.

Mandae-me um salvo-conducto, respondeu D. Martim de Freitas.

Quinze dias depois o mensageiro voltou com o passaporte pedido.

D. Martim deixou a guarda do castello a

seu velho escudeiro, que era outro elle, vestio a sua mais forte couraça, cingio a mais rija de suas espadas, tomou a sua melhor lança, montou no mais dextro dos seus ginetes, e andou tanto por estradas e atalhos que depressa chegou a Toledo. Apenas chegado, foi procurar o alcaide.

— Será verdade, lhe disse elle, que el-rei D. Sancho é morto?

— Sim: lhe respondeu o alcaide.

— Em que parte está enterrado? perguntou D. Martim.

— Na igreja dos franciscanos.

— Deus vos pague.

D. Martim partio para a dita igreja.

— Será verdade, disse elle ao sacristão, que el-rei D. Sancho esteja enterrado nesta igreja?

— Sim: respondeu-lhe o sacristão.

— Em que lugar está o seu tumulo? perguntou D. Mrtim.

— Ei-lo ali.

— Levantae a pedra.

O sacristão levantou a pedra; D. Martim reconheceu el-rei.

Ajoelhou, orou pelo descanso de sua alma: depois levantou-se, e tirando da algibeira uma chave, pô-la nas mãos d'el-rei.

— Meu caro e querido senhor, lhe disse elle, aqui está a chave do vosso castello da Horta, que eu fielmente guardei durante a vossa vida, e que vos entrego fielmente depois da vossa morte: sustentei o meu juramento descansae em paz.

Depois fez uma reverencia ao tumulo e partio para Lisboa, onde, chegado que que foi, o participou a el-rei D. Affonso III.

Este monarcha, curioso de ver um homem tão extraordinario, o mandou entrar immediatamente no meio do seu conselho, ao qual presidia naquelle momento.

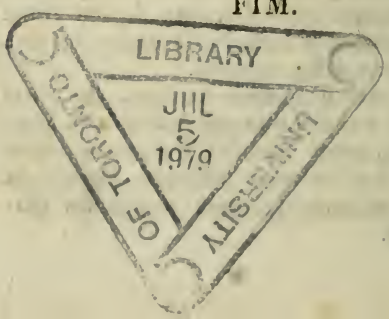
— Senhor, lhe disse D. Martim de Freitas, podeis agora mandar quatro damas da rainha com suas rocas, e ellas tomarão o castello da Horta, que D. Manrique de Carvalhal não poderá tomar com quatro mil lanças.

— Jura-me fidelidade como juraste a meu irmão D. Sancho, respondeu el-rei, e deixo-te não sómente governador daquelle castello, mas dôo-te a sua propriedade, assim como a de todas as terras circumvisinhas.

— Agradecido, senhor, respondeu D. Martim de Freitas abanando a cabeça, e dando um suspiro. Só dei um juramento, e esse me custou sobejamente caro.

Seis annos depois D. Martim de Freitas morreu frade, sendo tido por santo, no convento dos franciscanos de Setubal.

FIM.


LIBRARY
JUL
5
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PhD
0016936

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 12 08 07 005 6